

# Visível e Invisível: a Vitimização de Mulheres no Brasil

SUMÁRIO EXECUTIVO  
5ª edição - 2025



FÓRUM BRASILEIRO DE  
SEGURANÇA PÚBLICA

Realização

**Datafolha**  
INSTITUTO DE PESQUISAS

Patrocínio

**Uber**

## FICHA INSTITUCIONAL

**Diretor Presidente**  
Renato Sérgio de Lima

**Diretora Executiva**  
Samira Bueno

**Coordenação de Projetos**  
David Marques

**Coordenação Institucional**  
Juliana Martins

**Supervisão de Núcleo de Dados**  
Isabela Sobral

**Pesquisadores Sêniores**  
Aiala Couto  
Juliana Brandão  
Leonardo de Carvalho  
Manoela Miklos  
Rodrigo Chagas

**Equipe Técnica**  
Beatriz Schroeder (estagiária)  
Cauê Martins  
Dennis Pacheco  
Isabella Matosinhos  
Marina Bonhenberger  
Thais Carvalho

**Supervisão Administrativa e Financeira**  
Débora Lopes  
Equipe Administrativa  
Antônia de Araújo  
Elaine Rosa  
Sueli Bueno

**Conselho de Administração**  
Presidente: Juliana Lemes da Cruz  
Presidente de honra: Elizabeth Leeds

**Conselheiros**  
Alan Fernandes  
Bartira Macedo de Miranda  
Cássio Thyone A. de Rosa  
Denice Santiago  
Edson Ramos  
Marlene Inês Spaniol  
Roberto Uchôa  
Daniel Cerqueira  
Arthur Trindade M. Costa  
Paula Ferreira Poncioni  
Juliana Lemes da Cruz

**Conselho Fiscal**  
Lívio José Lima e Rocha  
Renato de Alcino Vieira  
Sandoval Bittencourt

## FICHA TÉCNICA

**Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil - 5ª edição – 2025**

**Coordenação**  
Samira Bueno

**Equipe**  
Beatriz Schroeder (estagiária)  
Juliana Brandão  
Juliana Martins  
Isabela Sobral  
Isabella Matosinhos  
Leonardo de Carvalho  
Manoela Miklos  
Marina Bohnenberger  
Thais Carvalho

**Diagramação:** Oficina22

# Visível e Invisível: a Vitimização de Mulheres no Brasil

**SUMÁRIO EXECUTIVO**  
5ª edição - 2025

# Visível e Invisível edição 5, 2025<sup>1</sup>

## Principais Resultados

### VIOLÊNCIA EXPERIMENTADA NOS ÚLTIMOS 12 MESES ATINGIU O MAIOR ÍNDICE DESDE O INÍCIO DA SÉRIE HISTÓRICA

- 37,5% das mulheres vivenciaram alguma situação de violência nos últimos 12 meses. Em números absolutos isso representa ao menos 21,4 milhões de brasileiras de 16 anos ou mais. Esta é maior prevalência<sup>2</sup> já identificada, desde 2017.
- Mulheres vítimas relataram, em média, mais de três tipos diferentes de violência no último ano.
- 31,4% das brasileiras sofreram ofensas verbais (insulto, humilhação ou xingamento), crescimento de 8 pontos percentuais em relação à pesquisa de 2023.
- 16,9% relataram ter sofrido agressão física por meio de batida, tapa, empurrão ou chute, maior prevalência registrada desde a primeira edição da pesquisa. Isto significa que ao menos 8,9 milhões de brasileiras sofreram agressão física no último ano.
- 16,1% foram ameaçadas de sofrer algum tipo de agressão física e 16,1% foram vítimas de *Stalking*, 8,5 milhões de vítimas.
- 1 em cada 10 mulheres sofreram abuso sexual e/ou foram forçadas a manter relação sexual contra sua vontade no último ano. Situações relacionadas a abuso sexual se mantiveram estáveis nesta pesquisa, oscilando dentro da margem de erro. Isto representa ao menos 5,3 milhões de mulheres expostas a algum tipo de ofensa sexual.
- 8,9% sofreram lesão em decorrência de um objeto que lhes foi atirado, enquanto 7,8% sofreram espancamento ou tentativa de estrangulamento e 6,4% foram ameaçadas com faca ou arma de fogo.
- De modo inédito, a pesquisa questionou as brasileiras com 16 anos ou mais sobre terem tido fotos ou vídeos íntimos divulgados na internet sem seu consentimento. 3,9% das respondentes relataram terem sofrido esta violência. Isto representa 1,5 milhões de mulheres.

1 Trata-se de pesquisa quantitativa foi elaborada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) e pelo Instituto Datafolha, com abordagem pessoal das pessoas entrevistadas em pontos de fluxo populacionais. As entrevistas foram realizadas mediante a aplicação de questionário estruturado, elaborado pelo FBSP, com cerca de 20 minutos de duração. A pesquisa teve um módulo específico de autopreenchimento, com questões sobre vitimização aplicadas somente às mulheres. As entrevistadas que aceitaram participar deste módulo responderam sozinhas às questões diretamente no tablet, após orientação do(a) pesquisador(a). O universo da pesquisa é a população brasileira de todas as classes sociais com 16 anos ou mais. A abrangência é nacional, incluindo regiões metropolitanas e cidades do interior de diferentes portes, em todas as regiões do Brasil. As entrevistas foram realizadas em 126 municípios de pequeno, médio e grande porte, no período de 10 a 14 de fevereiro de 2025. A amostra total nacional foi de 2.007 entrevistas. A amostra total de mulheres foi de 1.040 entrevistas, sendo que, destas, 793 aceitaram responder ao módulo de autopreenchimento. Ambas as amostras permitem a leitura dos resultados no total do Brasil. A margem de erro para o total da amostra nacional é de 2,0 pontos para mais ou para menos. A margem de erro para o total da amostra de mulheres participantes do autopreenchimento é de 3,0 pontos para mais ou para menos.

2 A prevalência é uma medida estática que representa a o número de casos existentes em um determinado grupo da população em um dado período. Diferentemente da incidência, a prevalência só considera um evento de determinada doença ou evento de violência por indivíduo. Dito de outro modo, a prevalência é a proporção de uma população que apresenta uma característica específica ou que vivenciou determinada situação em um período determinado e pode ser relatada em porcentagem ou como número de casos

**Tabela 1: Prevalência de violência sofrida nos 12 meses anteriores à pesquisa. Meninas e Mulheres com 16 anos ou mais.**

	PESQUISA 2017	PESQUISA 2019	PESQUISA 2021	PESQUISA 2023	PESQUISA 2025	Projeção populacional da pesquisa de 2025 <sup>(1)</sup>
<b>SOFREU ALGUM TIPO DE VIOLÊNCIA OU AGRESSÃO</b>	<b>28,6</b>	<b>27,4</b>	<b>24,4</b>	<b>28,9</b>	<b>37,5</b>	<b>21.458.206</b>
Insulto, humilhação ou xingamento (Ofensa verbal)	22,2	21,8	18,6	23,1	31,4	17.714.721
Ameaça de apanhar, empurrar ou chutar	10	9,5	8,5	12,4	16,1	8.522.844
Perseguição ou amedrontamento	9,3	9,1	7,9	13,5	16,1	8.517.096
Batida, empurrão ou chute	8,9	9	6,3	11,6	16,9	8.979.053
Ofensa sexual ou tentativa forçada de manter relação sexual	8,1	8,9	5,4	9,0	10,7	5.381.783
Ameaça com faca ou arma de fogo	4,3	3,9	3,1	5,1	6,4	2.950.517
Lesão provocada por algum objeto que lhe foi atirado	4,0	3,9	2,6	4,2	8,9	4.375.549
Espancamento ou tentativa de estrangulamento	3,4	3,6	2,4	5,4	7,8	3.746.190
Tiro ou esfaqueamento	1,9	1,7	1,5	1,6	1,4	350.854
Teve fotos/vídeos íntimos seus divulgados na internet sem sua autorização	...	...	...	...	3,9	1.586.720

Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Instituto Datafolha. Pesquisa Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil, edições 1, 2, 3, 4 e 5; 2017, 2019, 2021, 2023 e 2025.

(1) Considera o valor mínimo da margem de erro.

(...) Informação não disponível.

## 9 EM CADA 10 MULHERES QUE SOFRERAM VIOLÊNCIA NO ÚLTIMO ANO DISSERAM QUE ALGUÉM PRESENCIOU O EPISÓDIO; 27% DOS CASOS FORAM TESTEMUNHADOS PELOS FILHOS.

- 91,8% das brasileiras vitimadas no último ano disseram ter sofrido violência na presença de terceiros. Em 47,3% quem presenciou foram amigos ou conhecidos; em 27%, os filhos e em 12,4% outros parentes.
- O elevado percentual de mulheres que sofreram violência em frente aos filhos levanta a questão sobre os impactos da violência doméstica e familiar na vida de crianças. Pesquisas sugerem que as consequências do testemunho da violência entre os pais podem ser tão ou até mais prejudiciais do que a violência direta contra a criança. A convivência com conflitos intensos dentro de casa está associada a distúrbios emocionais, cognitivos e comportamentais, além de contribuir para uma percepção da família como um ambiente inse-

guro e caótico. As evidências científicas também sugerem que crianças que testemunham violência doméstica têm maior probabilidade de serem afetadas pela violência na vida adulta, seja como vítimas ou como agressoras. A violência doméstica pode se perpetuar entre gerações.

## PRINCIPAIS AUTORES SEGUEM SENDO PARCEIROS ÍNTIMOS E EX-PARCEIROS ÍNTIMOS. CASA É O LOCAL MAIS APONTADO COMO O LOCAL DA VIOLÊNCIA.

- O principal autor das violências sofridas pelas mulheres nos últimos 12 meses são o cônjuge/companheiro/namorado/marido (40,0%) e ex-cônjuge/ex-companheiro/ex-namorado (26,8%). Outro dado relevante de ser considerado diz respeito à presença de outros familiares como autores da violência no último ano, tais como pais e mães (5,2%), padrastos e madrastas (4,1%), filhos e filhas (3%), um indício de que a violência contra mulheres, mais do que doméstica, é também, intrafamiliar.

- A casa - espaço que consta do imaginário social como o local de proteção - segue sendo o lugar de abusos e violências para significativa parcela da população feminina brasileira, com 57% das respondentes indicando que foi na residência o local onde sofreram a violência mais grave do último ano. A rua aparece em segundo lugar, com 11,6% dos relatos.

## QUEM SÃO ESSAS MULHERES

- Embora mulheres entre 25 e 34 anos concentrem um percentual maior de vitimização, chama atenção a elevada prevalência da violência em todas as faixas etárias, especialmente entre mulheres com idades de 16 a 59 anos, indicando que a violência se traduz em diferentes práticas ao longo da vida.
- O recorte de grau de instrução indica que os tipos de violência mudam em contextos educacionais distintos. Quando analisamos os dados de “insultos, humilhações e xingamentos”, 32,9% das mulheres com ensino superior relatam ter vivenciado situação do gênero, mas sua experiência com formas de violência mais aguda como “ameaça com faca ou arma de fogo” ou “esfaqueamento ou tiro” é quase nula. Já as mulheres que possuem apenas ensino fundamental apresentam menores índices de vitimização em relação às ofensas verbais, mas elevados níveis de vitimização por espancamento, tentativa de estrangulamento, ameaças com faca ou arma de fogo e até ferimentos por faca e arma de fogo.



- Em relação ao perfil racial a pesquisa revela que 37,2% das mulheres negras relatou ter sofrido violência no último ano, mas ao desagregar os dados verificamos que 41,5% das pretas tiveram alguma experiência com a violência no período, proporção que foi de 35,2% entre as pardas. Esse índice é de 35,4% entre as mulheres brancas.

## O QUE ELAS FIZERAM?

- A principal “atitude” em relação à agressão mais grave sofrida é, na verdade, não fazer nada (47,4%). Esse é um padrão que se repete desde a primeira edição desta pesquisa, em 2017, e que sugere a persistência de barreiras estruturais, emocionais e institucionais que dificultam a busca por apoio e proteção.
- Depois do “não fazer nada”, a segunda atitude mais frequente é a busca por ajuda de um familiar (19,2%) em terceiro a procura por amigos (15,2%), e, somente em quarto lugar, aparece a busca de ajuda em algum órgão oficial do sistema de Justiça, no caso, a Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (14,2%), seguido pela busca de atendimento em uma delegacia comum (10,3%). Com percentuais menores, estão, respectivamente, a procura por igreja (6,0%), a ligação para a Polícia Militar (2,2%), a ligação para a Central de Atendimento à Mulher (1,8%) e a denúncia à polícia via registro eletrônico (0,7%).
- Apenas 25,7% das mulheres que sofreram violência no último ano buscaram órgãos oficiais, enquanto 33,8% procuraram órgãos não oficiais (como família e amigos), e 47,4% não fizeram nada.

## NO BRASIL, PERCENTUAL DE MULHERES QUE RELATARAM TER SOFRIDO ALGUMA FORMA DE VIOLÊNCIA AO LONGO DA VIDA PROVOCADA POR PARCEIRO OU EX-PARCEIRO ÍNTIMO É SUPERIOR À MÉDIA GLOBAL

- **32,4% das brasileiras com 16 anos ou mais experimentou violência física ou sexual provocada por parceiro íntimo ou ex-parceiro ao longo da vida.**
- O relatório mais recente da Organização Mundial de Saúde com estimativas globais da prevalência de violência física e/ou sexual entre mulheres provocadas por parceiro íntimo revisou 366 estudos em 161 países realizados entre os anos 2000 e 2018, concluindo que 27% das mulheres com idade entre 15 e 49 anos experimentaram violência física ou sexual provocada por parceiro ou ex-parceiro íntimo ao longo da vida.
- 1 em cada 4 mulheres brasileiras de 16 anos ou mais relata ter sofrido violência física por parte de parceiro íntimo ao longo da vida.
- 32,4% relataram ter sofrido humilhações reiteradas ou xingamentos por parte de parceiro íntimo ou ex-parceiro ao longo da vida.
- 21,1% foram forçadas a manter relações sexuais contra sua vontade com parceiro íntimo ou ex-parceiro íntimo.
- Prevalência é maior entre mulheres com idade entre 25 e 34 anos (46,8%) e 45 a 59 anos (44,9%), com ensino fundamental (45,5%), e entre negras

(41,9%) comparativamente às mulheres brancas (37,8%). Em relação ao local de residência, mulheres que residem no interior (40,2%) e em capitais e regiões metropolitanas (41,5%) apresentam vitimização muito similar. A vitimização de mulheres com filhos (43,8%) é maior do que entre as que não possuem filhos (33,7%). Considerando a religião da vítima, 42,7% das mulheres evangélicas afirmaram ter sofrido alguma forma de violência por parte do parceiro íntimo, índice de 35,1% entre as católicas.

## COMO SE DÁ O CICLO DA VIOLÊNCIA: RELACIONAMENTOS ÍNTIMOS AO LONGO DA VIDA E SITUAÇÕES DE CONTROLE COERCITIVO VIVENCIADAS

O controle coercitivo se manifesta em diferentes táticas e estratégias que tem por objetivo manipular a vida das vítimas, tais como seu isolamento social, práticas de perseguição física ou online, ameaças, podendo também se manifestar como violência física ou sexual. Isto significa dizer que estas práticas de controle podem ocorrer concomitantemente a violências físicas e sexuais, mas também persistirem de modo isolado.

- Desrespeito e perda de autoestima: 31,6% afirmam ter sido menosprezadas pelo parceiro íntimo ou ex-parceiro íntimo a ponto de se sentirem inúteis.
- Intimidação: 30,6% vivenciaram situações em que o parceiro íntimo e/ou ex-parceiro íntimo deu chutes ou socos em portas ou paredes quando estava com raiva.



- Privação de autonomia: 29,5% afirmam que o parceiro íntimo e/ou ex-parceiro íntimo tomou uma decisão por ela quando na verdade elas que gostariam de decidir sobre.
- Invasão de privacidade: 29,1% relataram que o parceiro íntimo e/ou ex-parceiro íntimo pegou seu celular ou computador para checar mensagens privadas contra sua vontade.
- Obstáculo à independência: 17,1% afirmam que o parceiro íntimo e/ou ex-parceiro íntimo pediu que elas deixassem de trabalhar ou estudar fora de casa por ciúmes.
- Manipulação emocional: 16,4% afirmam que o parceiro íntimo e/ou ex-parceiro íntimo ameaçou se suicidar por estar triste ou chateado com ela.
- Domínio financeiro: 10% relatam que foram impedidas de ter seu próprio dinheiro pelo parceiro íntimo e/ou ex-parceiro íntimo.
- A violência é cíclica e tem multicamadas: 80% das mulheres que responderam positivamente a uma destas questões foi vítima de violência no último ano e ao longo da vida.
- Em relação ao perfil das vítimas, verificamos maior prevalência entre mulheres de 25 a 34 anos (61,8%) e entre 35 e 44 anos (52,3%). Racialmente, 53% das mulheres pardas vivenciaram ao menos uma das situações citadas, enquanto entre brancas foram 51,3%. Mulheres com filhos apresentaram maior prevalência (51,7%) do que as que não possuem filhos (47,5%)



- Considerando a situação conjugal, as divorciadas (60,9%) apresentaram prevalência superior à de solteiras (53%), casadas (44,4%) e viúvas (51,8%). Isto é, o rompimento pode ser mais um fator de vulnerabilidade. Esse dado torna evidente como é fundamental que as políticas públicas sejam capazes de estimular que a mulher rompa o ciclo de violência, ao mesmo tempo em que forneçam redes de apoio estruturadas que possibilitem à mulher estar segura para tomar essa decisão quando decide sair da relação.

- Quando consideramos a religião declarada pelas respondentes, 49,7% das mulheres evangélicas relatou ter vivenciado uma das situações citadas. A prevalência entre católicas foi de 44,3%.

- Mulheres residentes em capital e região metropolitana apresentaram maior prevalência (54,4%) do que as residentes no interior (47,5%), mas em ambos os casos os níveis de vitimização são elevados.

## ASSÉDIO: AS VIOLÊNCIAS NORMALIZADAS E COTIDIANAS

- Mais de 29 milhões de brasileiras com mais de 16 anos foram vítimas de assédio no último ano: 49,6% disseram terem sido vítimas de algum tipo de assédio, a maior proporção da série histórica.
- As perguntas incluem cantadas, comentários, assédio físico em transportes públicos e por aplicativo, ser agarrada ou abordada de maneira agressiva na rua, no trabalho ou em festas.
- Na média, as mulheres indicaram mais de duas formas de assédio sofridas no último ano

- Cotidiano violento: o tipo mais comum são as cantadas e comentários desrespeitosos na rua, assinalado por 40,8% das mulheres
- Cantadas e comentários em ambiente de trabalho atingem maior nível da série, com 20,5% das respondentes. Isto significa que 11,1 milhões de mulheres foram abordadas de maneira desrespeitosa em seu ambiente profissional.
- O terceiro local mais citado nos casos de assédio foi o transporte público, com 15,3 das mulheres tendo afirmado que foram tocadas de modo inadequado no ônibus, metrô ou trem. Isto equivale a 8 milhões de mulheres com 16 anos ou mais.
- 9% foram agarradas ou beijadas sem o seu consentimento.

**Tabela 2:** Prevalência de assédio sofrido nos 12 meses anteriores à pesquisa. Meninas e mulheres com 16 anos ou mais.

	PESQUISA 2017	PESQUISA 2019	PESQUISA 2021	PESQUISA 2023	PESQUISA 2025	Projeção populacional da pesquisa de 2025 <sup>(1)</sup>
<b>SOFREU ALGUM TIPO DE ASSÉDIO</b>	<b>40,2</b>	<b>37,1</b>	<b>37,9</b>	<b>46,7</b>	<b>49,6</b>	<b>29.010.850</b>
Recebeu cantadas, comentários desrespeitosos quando estava andando na rua	35,6	32,1	31,9	41,0	40,8	23.521.795
Recebeu cantadas ou comentários desrespeitosos no ambiente de trabalho	13,3	11,5	12,8	18,6	20,5	11.134.303
Foi assediada fisicamente em transporte público como no ônibus, metrô	10,4	7,8	7,9	12,8	15,3	8.059.059
Foi abordada de maneira agressiva durante uma balada, uma festa, isto é, alguém tocou o seu corpo	6,2	6,2	5,6	11,2	11,3	5.719.149
Foi agarrada / beijada sem o seu consentimento, isto é, à força, em qualquer situação	5,0	5,0	5,4	8,0	9,0	4.422.391
Foi assediada fisicamente em transporte particular chamado por aplicativo de transporte	-	4,0	5,2	7,4	8,5	4.102.535
Tentaram aproveitar de você por estar alcoolizada	3,7	3,3	4,6	6,2	8,8	4.293.908
<b>NÃO FOI VÍTIMA DE ASSÉDIO</b>	<b>59,4</b>	<b>61,6</b>	<b>61,4</b>	<b>52,3</b>	<b>50,4</b>	<b>29.510.405</b>

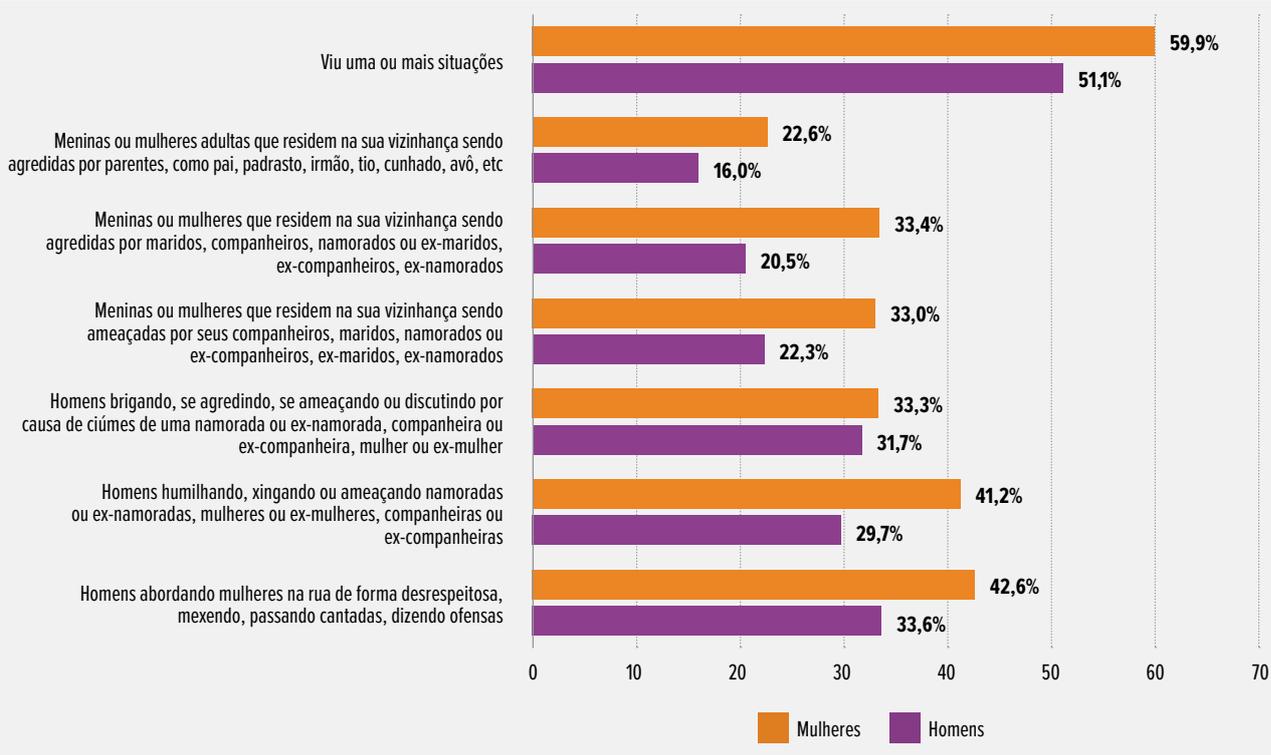
Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Instituto Datafolha. Pesquisa Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil, edições 1, 2, 3, 4 e 5; 2017, 2019, 2021, 2023 e 2025.

(1) Considera o valor mínimo da margem de erro.

## MAIS DA METADE DA POPULAÇÃO RELATOU TER VISTO UMA MULHER SOFRER ALGUMA FORMA DE VIOLÊNCIA NO ÚLTIMO ANO

- 55,6% da população brasileira relatou ter visto ou ouvido uma mulher ser xingada/humilhada, ser agredida fisicamente por companheiro, ex-companheiro ou familiar em seu bairro ou ser abordada de forma desrespeitosa (“*fiu fiu*”).
- 32,5% afirmam ter visto ou ouvido agressões ou ameaças de homens contra mulheres motivadas por ciúmes de uma companheira ou ex-companheira.
- 27,8% relatam ter visto ou ouvido mulheres que residem em seu bairro sendo ameaçadas por companheiro/namorado ou ex-companheiro/ex-namorado.
- Mulheres tem percepção mais aguçada do fenômeno, relatando ter visto mais episódios do que os homens.

**P1: Nos últimos 12 meses, você viu ou ouviu alguma dessas situações acontecendo no seu bairro ou comunidade?**  
*Por sexo do respondente*



Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Instituto Datafolha. Pesquisa Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil, edição 5, 2025. Resposta estimulada e múltipla, em %.

## COMO PEDIR AJUDA?

Em caso de emergência, quando há necessidade de intervenção imediata, ligue 190.

Em caso de violência contra meninas e mulheres que não requerem intervenção imediata, disque 180.

Há organizações da sociedade civil que oferecem acolhimento, acesso à justiça, acesso à profissionais da saúde especializados em violência de gênero e acesso à terapeutas que trabalham *pro bono*. Procure os grupos a seguir para obter ajuda.



- O [Mapa do Acolhimento](#) oferece suporte direto a sobreviventes por meio de uma solução tecnológica que as conecta a uma rede nacional de psicólogas e advogadas voluntárias. Há voluntárias em todos os estados do Brasil.

- A ONG [Justiceiras](#) oferece orientação para que mulheres em situação de violência realizem boletim de ocorrência on-line ou presencial, façam pedidos de medidas protetivas e apoia e encoraja meninas e mulheres que estão em situação de violência e precisam de ajuda junto ao sistema de justiça. O grupo atua nacionalmente.

- A ONG **Recomeçar** acolhe meninas e mulheres vítimas da violência de gênero em São Paulo. O trabalho da Recomeçar consiste em prestar acolhimento provisório para mulheres, acompanhadas ou não de seus filhos, em situação de risco de morte ou ameaças em razão da violência doméstica e familiar, causadora de lesão, sofrimento físico, sexual, psicológico ou dano moral.

- Localizada em São Paulo, a **Associação Fala Mulher** atua fornecendo atendimento a mulheres, crianças, adolescentes e idosos que foram vítimas de violência doméstica. A instituição ainda oferece auxílio jurídico, psicológico, educacional e social, e fornece abrigos sigilosos para proteção da vítima e seus filhos em risco de morte.



- O Me Too Brasil é uma organização sem fins lucrativos dedicada à defesa dos direitos das vítimas de violência sexual, oferecendo escuta, acolhimento, além de atendimento psicológico, jurídico e assistencial. As vítimas podem acessar o atendimento pelo site oficial ([metoobrasil.org.br](http://metoobrasil.org.br)) e pelo canal de atendimento gratuito (0800 020 2806), disponível em todo o Brasil. O acolhimento é realizado de forma sigilosa, garantindo a proteção e confidencialidade das informações, com foco na centralidade da vítima e nos impactos do trauma, independentemente de raça, classe social, orientação sexual, identidade de gênero ou poder do agressor.

- O **Programa Bem Me Quer** é um núcleo de oferece gratuitamente atenção integral à mulher em situação de violência sexual que opera dentro do Hospital da Mulher, em São Paulo. Atende casos de emergência via pronto socorro do hospital.

- O Instituto Maria da Penha realiza atendimentos, workshops, consultorias, cursos de capacitação e palestras que visam prevenir, enfrentar e combater a violência doméstica e familiar contra a mulher. O programa **As Penhas** desenvolvido pelo IMP, oferece atendimento remoto e especializado a mulheres em situação de violência doméstica de todo o Brasil por meio de uma rede qualificada de profissionais de diversas áreas de atuação.

- O programa Sinal Vermelho foi criado como uma campanha durante a pandemia de covid-19 em uma parceria do Conselho Nacional de Justiça e a Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB). Regulamentada pela lei 14.188/2021, o programa se tornou uma das medidas de enfrentamento da violência doméstica e familiar contra a mulher previstas na Lei Maria da Penha. A mulher que precisa pedir ajuda pode sinalizar um sinal vermelho desenhado na palma da mão ou em um pedaço de papel e mostrar em estabelecimentos comerciais de todo o país. Os atendentes devem acionar o 190.

# **Visível e Invisível: a Vitimização de Mulheres no Brasil**

SUMÁRIO EXECUTIVO  
5ª edição - 2025

# Visível e Invisível: a Vitimização de Mulheres no Brasil

SUMÁRIO EXECUTIVO  
5ª edição - 2025



FÓRUM BRASILEIRO DE  
SEGURANÇA PÚBLICA

Realização

**Datafolha**  
INSTITUTO DE PESQUISAS

Patrocínio

**Uber**